

O Manual de Sobrevivência e a Literatura de Vanguarda – Acerca de um Livro de Elcy Luiz da Cruz.

**Jayro Luna (Prof. Dr. Jairo Nogueira Luna)
UPEVFaceteg**

Elcy Luiz da Cruz é um autor voltado para a Literatura de Vanguarda e Experimental. Tendo comido dos biscoitos finos que saíram do forno literário de Oswald de Andrade produz uma obra rica de experimentações criativas e renovadoras no âmbito do romance contemporâneo brasileiro.

Seu *“Almanaque de Sobrevivência no Mundo Atual”* se insere nessa perspectiva, aprofundando idéias estéticas que se encontram germinando em *Tua Tarde Que Gira Em Torno De Tua Última Noite* (Olinda-PE, 2005) e *No Meio da Noite Escura* (EDUPE, 2010).

O *Almanaque* ainda é uma obra inédita, tive o prazer de lê-la numa espécie de *avant-première*, devido ao conhecimento de amizade que tenho com o romancista. Prazer que espero venha a se tornar em breve uma possibilidade pública a todos os leitores interessados no conhecimento da experimentação criativa no âmbito da narrativa brasileira.

A narrativa em *Almanaque* é alegórica, os personagens são arquetípicos no sentido de que representam mais do que a referência direta a uma personalidade específica. Por exemplo, no capítulo “A Ema Gemeu” é possível identificar uma intenção crítica e paródica com a figura do político Marcos Maciel, porém, não é apenas essa referência que se constrói, mas sim é uma caricatura, de modo que ali se representa a visão crítica de uma política calcada no casuísmo, no nepotismo e na intransigência:

“Era uma vez um político famoso desses que não saem de cena. Passa sol, passa chuva, vem os golpes, as tiranias, o liberalismo, os governos democráticos, e ele lá. Não se sabe como: no poder. Poder vai, poder vem, o nosso arauto das oligarquias em sua eterna indumentária de pacifista, um terrorista silencioso. Aqui jaz a ética e a moral, aqui vive a esfinge da pluralidade retórica. Apolítico, apesar de político, assexual, apesar de libidinoso, associal, apesar de porta-voz dos humildes (só da voz mesmo). Deitou sobre a bandeira nacional e ali escreveu sua história. Ouçam-me leitores de boa fé. Ele era da estirpe dos agraciados, Deus o tenha.” (p. 1)

Esse procedimento, ao mesmo tempo em que cria uma referência que pode ser identificada com o contexto político-social e cultural de modo a percebermos uma outra figura do cenário atual do Brasil, também abre essa referência para uma alegorização, no sentido mesmo da carnavalização bakhtiniana, de maneira que o personagem passa a representar algo maior que sua própria identidade, mas sim, uma personagem que representa uma classe, uma categoria, um grupo.

Algo parecido foi feito pelo Neo-realismo no auge de seu radicalismo crítico-social, mas aqui abre-se o âmbito da inventividade criativa, próximo da recuperação de procedimentos estéticos cubo-futuristas como o fizera Oswald de Andrade ou Blaise Cendrars.

A palavra se liberta aqui e ali do referente imediato e se torna uma possibilidade de metalinguagem:

“Mas quiçá das palavras quase pobre de seu extenso vocabulário silencioso ele se fez imortal. E não ousem achar outra forma: imortal não literariamente falando, mas falando literalmente. Não morreu jamais. E Deus pensava que vivia brincando. Ele é que determinou outras formas para Deus brincar ao reinventar sua própria morte no desenho esguio de sua eterna vida. O poste.” (p.3)

Os capítulos tendem a ser curtos devido a rapidez da narrativa, metáfora da comunicação moderna, contínua e multifragmentada. É preciso ter a capacidade da leitura caleidoscópica e ir descobrindo os elos que reconstroem o golem. A desconstrução narrativa, o fio da meada que se desnova e se embaralha é provocado e providencial. A cultura mosaica ao modo como anunciava Abraham Moles se torna aqui o espelho convexo que apresenta a imagem desvelada do panorama cultural midiático e alienante da contemporaneidade:

“Pensei: quem põe em livros as desgraças que acontecem em nosso cotidiano não pode ser chamado de escritor. Por isso peço a todos os senhores que abominem este livro. E sugiro uma emenda na constituição que a partir de agora só se poderá escrever sobre coisas boas como ética e moralidade. O senado não aprovou a emenda, mas o presidente assinou: não se sabe como a emenda foi parar em sua mesa de assinaturas de papéis.” (p.4).

Existe na Literatura Brasileira um rico veio criativo que ao meu modo de ver, teria se iniciado com Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que a ironia se torna a figura determinante de vários aspectos dessa narrativa. De fato como diz Muecke:

“A ironia neste último sentido é a forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento da significância. A velha definição de ironia – dizer uma coisa e dar a entender o contrário – é substituída; a ironia é dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infundável de interpretações subversivas.” (MUECKE, p. 48)

Assim ocorre com o efeito irônico no *Almanaque de Sobrevivência* no Mundo Atual. Já a partir do título em que a idéia de Almanaque¹ é ironicamente substitui a idéia de tratar-se de um romance. O livro assim apresentar-se-ia como uma obra que busca apresentar ensinamentos ao leitor para poder sobreviver no mundo urbano, midiático e fragmentário atual. Mas o autor não tem de fato essa ousa pretensão, mesmo porque o que se instaura na obra em questão é a ironia, a paródia, a carnavalização.

O que se apresenta desconstruído é o retrato da sociedade, mesmo porque se o apresentasse harmonioso, composto pela unidade de espaço e de tempo, deixaria de atingir um de seus principais objetivos que é a demonstração presente, contínua, imediata do desfacelamento dessas antigas regras aristotélicas pela sociedade contemporânea. Assim, a unidade, a harmonia, a verossimilhança e a *mimesis* tornam-se mitos diante da crueldade dos procedimentos unidimensionais e alienantes dessa mesma sociedade, como já de algumas décadas observava Hebert Marcuse².

¹ Um **almanaque** ou **Almanach** (do árabe *al-manākh*) é uma publicação (originalmente anual) que reúne calendário com datas das principais efemérides astronômicas como os solstícios e fases lunares, mas atualmente os almanaques englobam outras informações com atualizações periódicas específicas a vários campos do conhecimentos.

² Veja-a respeito as obras *Eros e Civilização* (Rio de Janeiro, Zahar, 1964) e *Ideologia da Sociedade Industrial: O Homem Unidimensional* (Rio de Janeiro, Zahar, 1968)

O espaço e o tempo se dinamizam de uma forma na narrativa de Elcy Luiz da Cruz que a própria lógica narrativa se vê transposta para a possibilidade multidimensional, em que o ato da escrita, o fazer literatura se apresenta como parte integrante da obra, leiamos, a exemplo disso, o capítulo “Álbum de Figurinhas”:

“Álbum de figurinhas

Saiu o álbum de figurinhas do espiritismo. Colecione já. As figurinhas podem ser adquiridas em qualquer sessão espírita. Incorpore esta idéia.”
(p.5)

Os vários gêneros narrativos se apresentam em contínua ressignificação na obra, o dramático, o lírico e o poético, o narrativo, o dissertativo, o descritivo, etc. Na leitura da obra, o autor pode sentir uma ligeira vertigem, se o que busca é a linearidade, o lógico, as relações diretas entre causa e consequência. Não as encontrará, antes o que se apresenta é o caleidoscópio da palavra em constante mutação sógnica.

O conceito de ressignificação aqui citado é como o defendo na *Teoria do Neo-estruturalismo Semiótico* (2006):

“Tradição versus presente, pois o símbolo é ressignificado, o seu valor do passado se apresenta agora coberto por uma nova camada significativa, do confronto dessas duas camadas surge uma interpretação histórica da obra” (LUNA, p. 47)

Vejamos o capítulo “O Andor”, em que a palavra se fragmenta poeticamente através de recurso tipográfico, de modo que o que se apresenta é a multiplicidade sógnica da palavra poética:

“O andor

*Retirou a bíblia e colocou em seu lugar uma TV de 42 polegadas. Saíram em vigília. A TV em cima do andor. **Uma andorinha só não faz verão.**”*
(p.5)

Elcy Luiz da Cruz apresenta nessa obra a noção da destruição do conceito de romance surgida com o Romantismo, de uma obra caracterizada pelo destronamento do conceito de herói clássico, representativo da chegada da burguesia ao poder e ao domínio do estado. O cotidiano fragmenta a personalidade clássica baseada na identidade unívoca pela impressão da contextualização múltipla. Ressignificando a figura do demônio Legião, que Mário de Andrade³ bem soube recolocar em voga, como forma de demonstração crítica dessa nova realidade.

Nesse âmbito o próprio conceito de livro se desconstrói, antes o que seria a idéia de romance se coloca agora como a escrita nervosa em busca de sua significação mais próxima da vida:

“Um livro deve vingar-se de dor. E deve doer outras dores.

Um livro não apresenta regras. Um livro que se preze nem sempre parece com um livro.

A literatura está sempre realizando o futuro. A literatura é um barco à deriva.”(p.22)

A idéia do livro com fim último da realidade, antes já expressa magnificamente em Mallarmé⁴ e depois ressignificado por Augusto de Campos, aqui se vê configurada na concepção de que o ato de contar histórias agora não tem mais significação coerente como era o procedimento dos aedos, dos contadores de histórias. Não, o que temos é o contador de histórias em busca de

³ Mário de Andrade, “Sou Trezentos”, transcrevo a estrofe final:

*“Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cincoenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo.”*

⁴ Ronaldo Entler: “Enfim, Mallarmé deixou o fundamento de um livro que não é mero suporte para a arte, mas produto dela. Como objeto, ele não tem a função provisória de ser o guia para a concretização sonora do poema, ele é um mapa que se revela labirinto: ele se constitui num jogo (no duplo sentido da palavra jogo, é lúdico e impreciso) onde, perdendo-se e encontrando-se, o leitor percorre um trajeto que demarca também uma estrutura visual complexa, “a conquista da quarta dimensão, um tempo einsteiniano”.” (fonte: <http://www.entler.com.br/textos/mallarme.html>).

sua própria história, em busca da unidade perdida, em busca do tempo perdido ao modo dum Flaubert errante.

Não há também como não lembrar da experimentação narrativo-poético de Haroldo de Campos em *Galáxias*⁵, cuja obra se faz ou se refaz no ato da leitura da palavra em busca de sua significação.

No *Almanaque* de Elcy, esse procedimento da palavra como viagem pelo mundo da significação em busca desenfreada pela construção da realidade, ou melhor, pela reconstrução da realidade está presente como artifício necessário:

“Eu volto logo! Minha dor tua dor o quadro de Monet ao fundo, uma ponte, uma história, um futuro, mas uma cidade embaçada pela dor do artista, um poeta mal lido, e tua voz a repetir, “não percebes que só tu insistes nesse nosso caso!”, “há muito nossa relação anda desgastada”, e eu a te amar sem entender, a ponte, a cidade, o quadro ao fundo, o meu cenário e o teu, me dizes onde errei, “erramos!”, não compreendo, tua voz veemente e eu sem acreditar rabisquei qualquer coisa no verso do postal, um quadro de Monet, eu te amo muito, “esse postal eu não tinha”, “eu adoro Monet”, “mas a gente já passou”, o que quer dizer passou, eu não entendo, E minha mão a acariciar teu rosto, tua mão a cortar rispidamente minha ação, tu deste um beijo, mas foi coisa rápida, o telefone tocou, tu desligaste, não entendi de novo, tu saíste, fiquei a observar o quadro de Monet, não ligavas mais para mim, atendias minhas ligações com incômodo, não te mandei mais flores, a saudade só aumentou e eu sem entender nada, uma cidade ficou para trás, uma ponte ficou para trás, eu fiquei para trás, e a vida cheia de pontes e cidades a continuar sua marcha, eu a pensar nisso tudo, a esquecer de mim, a não saber o rumo, um quadro de Monet ao fundo, o cenário perfeito de tudo, na frente desse cenário apenas eu e minha dor (...)” (p.38)

A náusea sartreana é reconfigurada também pelo desejo de encontrar a unidade perdida. Porém, tal desejo nunca é satisfeito, a felicidade utópica é inatingível, e a voz do narrador se faz presente num contínuo devir. O amor, a felicidade, a justiça, a harmonia e a natureza humana se vêem como partes dum mosaico ou dum espelho partido, cuja possibilidade de colagem ou de bricolagem é antes uma técnica cubo-futurista do que uma procedimento de salvação, está apenas existe enquanto motivo paródico da ideologia moderna:

“Gastei algumas horas na combinação de frases que pudessem encontrar algum veio literário. Mas nem tanto literatura, é mesmo um misto de

⁵ CAMPOS, Haroldo. *Galáxias*. São Paulo, 34 letras, 1988.

desabafo que me entorpece. Tua imagem é quase irredutível de minha vida; por isso, vire e mexe, eu te encontro em meus pensamentos.

A imagem tua que me consome é aquela da varanda do quarto em que fizemos amor. Tu decidida te despiste deixando a silhueta de teu corpo desenhar a noite sem lua. Teu corpo nu de costas para a rua banhava-me de um êxtase único. E assim, encantado, era como se toda a natureza se desnudasse para mim.” (“Capítulo V”, p. 41).

O episódio acima, que tem por título “Capítulo V” não remete a uma ordem de capítulos no romance, de fato a estrutura desse romance é a de um multilivro, isto é, são livros dentro de livros, porém todos os livros aqui inscritos tem como característica a incompletude, livros que se misturam enquanto intenções de obra. O leitor encontrará grupos de capítulos que parecem ser trechos de romances incompletos como “O Mundo de Beatriz”, “Romance Onírico (fragmentos)”, “Quando a noite fria nos envolve como cobertor (Projeto de um romance inacabado)” e “Apontamentos de escritor”.

As histórias são aqui como fragmentos de uma história desconhecida na sua estrutura completa, caso exista. Como o homem moderno, impaciente diante da televisão, correndo o controle-remoto em busca do programa que lhe traga satisfação da posição passiva de telespectador, porém, num processo próximo do *Poltergeist*⁶ ou de *Videodrome*, as imagens ali colocadas, em cada canal, são pedaços de um retrato que se insinua como a vida contemporânea.

Temos que considerar a importância da personagem Beatriz na obra. A grande personagem feminina deste Manual de Sobrevivência e seu conturbado romance com Lucas, professor de História. Este, por sua vez, personagem cuja personalidade se mistura com a do narrador, sendo o escritor, enquanto personagem, espécie de alter ego de Lucas. Beatriz, como a Beatriz virgiliana, vai guiando o escritor pelos labirintos de um mundo infernal e urbano. A relação amorosa estabelece-se sobre uma tensão constante. Num determinado momento, Lucas mata Beatriz, numa cena tão misteriosa quanto a morte de Marta em Confissão de Lúcio, de Mário de Sá-Carneiro. Nos capítulos seguintes, Beatriz

⁶ *Poltergeist* (1982), direção de Tobe Hooper, com Cragi Nelson e Jobeth Williams. *Videodrome* (1983), direção de David Cronenberg, com James Woods e Sonja Smits.

reaparece seja como memória, seja como espécie de personagem espectral. Temos ainda a cena de seu velório e a prisão de Lucas. Beatriz transgride as normas e chega a usurpar o poder do escritor de definir os caminhos da história, é preciso retirá-la da obra, mas o amor do escritor por ela torna o grande empecilho:

“E Beatriz era a protagonista de tudo. Não podia acreditar. Se ponha no meu lugar leitor. Se fosse com você? Também não precisa me xingar. É só uma suposição. O que você faria?” (p.25)

Outras quase-personagens femininas aparecem, como Verônica, Dalva, Isabel. Dalva é um espectro da cantora Dalva de Oliveira. Isabel, parece ser uma aluna na aula do professor. Ao final, Isabel e Beatriz, já morta, dão-se as mãos e seguem para além do romance.

Lembremos em Oswald, *Serafim Ponte-Grande*, do conflito entre Serafim e Pinto Calçudo acerca de quem é o protagonista e de como Pinto Calçudo é retirado da obra. Aqui, há algo de semelhante, porém, a personagem que está usurpando o espaço na obra é uma personagem feminina que conquista o amor do eu-masculino, suposto autor da obra. O conflito se estabelece num limite tênue entre amor e ódio.

Romance de Invenção, no mais teor do conceito, neste Manual de Sobrevivência Literária, de Elcy Luiz da Cruz, o elemento que vem se tornar o principal obstáculo ao domínio consciente da escrita é a vanguarda literária e sua relação com o mundo moderno, urbano, agressivo, veloz, se personificando numa figura de mulher, envolvente, apaixonante: metáfora de nossa realidade.

A blague, a paródia, a ironia se consubstanciam numa narrativa em que a relação entre contexto sócio-histórico e ficção literária não tem uma ligação unívoca, mas antes metaforizante, mas também, metonímica, uma vez que a soma das partes não representará o todo, este definitivamente perdido, causa última da angústia do narrador:

“E Tom Zé saiu apressado de um show de rock no Recife. Ele teve um ataque de alegria. Seus batimentos cardíacos bateram um som pesado demais. O corpo não agüentou a adrenalina. Deus olhou aqueles meninos gritando ao som de Tom Zé e disse: Ainda há salvação para a humanidade.” (p.49)

Assim, as próprias partes do livro buscam a unidade perdida, como um autômato em busca de vida própria, porém, espécie de replicante (*Blade Runner*) que se sacrifica como prova final de sua humanidade, só resta à obra a constatação de sua multiplicidade:

“Do capítulo I para o capítulo V : ‘Alguma pista do autor?’ ‘Ainda não!’.”

A Literatura Brasileira se enriquecerá criativamente e criticamente com a publicação do *Almanaque de Sobrevivência No Mundo Atual* de Elcy Luiz da Cruz

REFERÊNCIAS:

CRUZ, Elcy Luiz. **Tua Tarde Gira Em Torno de Tua Última Noite**. Olinda, Livro Rápido, 2005.

_____. **No Meio da Noite Escura**. Recife, Edupe, 2010.

LUNA, Jayro. **Teoria do Neo-estruturalismo Semiótico**. São Paulo, Vila Rica, 2006.

MUECKE, D.C. **Ironia e o Irônico**. São Paulo, Perspectiva, 1995.